

Geoffrey H. Baker

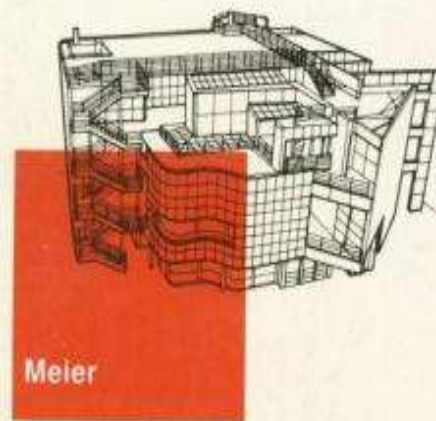


Mestrando: Arq. Cleide Cedeni Andrade

Prof^a. Dr^a. Sonia Afonso

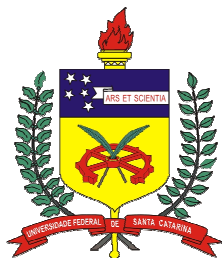
Análisis de la forma

Urbanismo y Arquitectura



GG/México

Prólogo de James Stirling

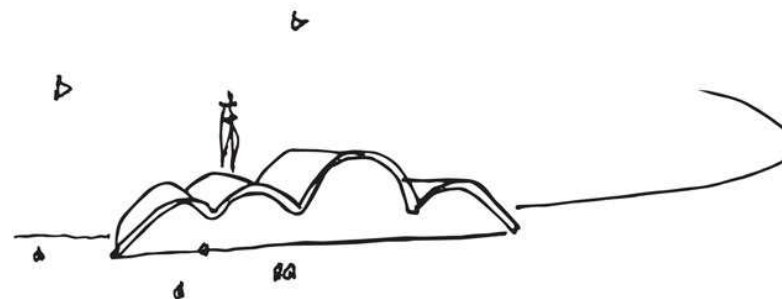


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PósARQ – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
DISCIPLINA: ARQ 1101 - IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM
PROF^a. DR^a. SONIA AFONSO

ANÁLISE DA FORMA

Urbanismo e arquitetura

Autor: Geoffrey H. Baker



Geoffrey H. Baker estudou arquitetura na Universidade de Manchester, ensinou desenho, história e teoria da arquitetura, desde 1964, na Universidade de Newcastle-upon-Tyne, em 1976 foi nomeado leitor da Escola de Arquitetura e de desenho de interior do Politécnico de Brighton, onde dirigiu investigações de estratégias e técnicas de desenho.



(... a arquitetura passa a relacionar-se com as necessidades emocionais e práticas que a técnica pode satisfazer. O automóvel, o rádio, a televisão não são impreenscindíveis : os edifícios são, e, portanto, a arquitetura tem um rol distinto, e está em condições de representar áreas importantes da vida. Ainda que a arquitetura atenda os aspectos formais, espaciais e funcionais, o papel que desempenha e essencialmente simbólico; é a única entre as artes que pode expressar as idéias de governo, igreja ou monarquia, porém também tem a possibilidade de simbolizar o lugar). (p.xvii)

(A arquitetura ajuda a entender melhor uma civilização, e que os edifícios revelam os centros de interesses da sociedade, as pessoas organizadas, a riqueza e a pobreza, o clima e a posição diante da técnica e das artes). (p.xvii)



Introdução

ANÁLISE DA FORMA – Geoffrey H. Baker

04/51

Em resumo, a arquitetura está condicionada por três fatores básicos:

Topografia/ clima (Os edifícios devem responder as condições do lugar).

Os requisitos funcionais (organização do edifício).

Os requisitos culturais (influência das forças culturais no decorrer da história).



Princípios analíticos

ANÁLISE DA FORMA – Geoffrey H. Baker

51

As forças: “Os fenômenos naturais e os edifícios podem interpretar-se como “*forças*” de diferentes magnitudes e intensidades, igual que diferem das características de uma montanha, colina, de um rio... As três forças que atuam na arquitetura provém do lugar, do programa e da cultura dominante”

Genius loci: o termo “genius loci” se refere ao espírito do lugar, são essas características, geralmente difusas, que a convertem em algo único. Os exemplos mais esplendidos da arquitetura são aqueles que captam este espírito e abrigam as qualidades intrínsecas da paisagem e da cultura.

A natureza e a arte: “A arte é uma resposta organizada que ocasionalmente a natureza nos deixa ver” (John Berger). A Arte é, portanto, a tentativa de tornar permanente a fugacidade das experiências estéticas.



Princípios analíticos

ANÁLISE DA FORMA – Geoffrey H. Baker

06/51

A poesia: Da poesia poderíamos dizer que é “uma expressão sublimada do pensar e do sentir que tem uma forma métrica”¹ A dimensão poética da arquitetura transforma o comum em singular, sendo um espaço de trabalho ou vivência, a obra arquitetônica pode enriquecer e não só nutrir a vida.

O significado e o uso: Os edifícios devem explicar sua finalidade de forma a ser entendido, devem informar claramente sobre seus desígnios.

A arquitetura primitiva: Todos os indivíduos da sociedade primitiva foram capazes de construir suas casas e, elas, de certas formas evoluíram fazendo eco das necessidades humanas, do clima e dos graus de habilidades de construir.

A arquitetura nativa: Arquitetura do acordo, do compêndio, e dos temas que movem a sociedade.

1. The Pocket Oxford Dictionary, Oxford, 1978, p. 682, por J. B. Sykes (ed)



Princípios analíticos

ANÁLISE DA FORMA – Geoffrey H. Baker

07/51

A arquitetura monumental: Aspira a impressionar e iniciar estreita conexão com os efeitos estéticos.

A cultura e o significado: “Para que exista uma cultura é preciso que o homem se integre em um mundo ordenado que se baseia em interações significativas.”¹ Em particular, a arquitetura é capaz de identificar as camadas sociais, desde a igreja até o governo, desde o papel das artes, lazer e técnica, até a posição do indivíduo na sociedade.

O programa e o lugar: O lugar, o programa e a cultura dominante são as três forças que influem na arquitetura. Por outro lado, se trabalha com a técnica de que dispõem a cultura.

1. C. Norberg Schulz, “Meaning in Architecture”, em Meaning in Architecture, editado por Charles Jencks y George Baird, Londres,. 1969, p. 220.



Princípios analíticos

ANÁLISE DA FORMA – Geoffrey H. Baker

08/51

A orientação e identidade: “O ser humano necessita ter uma imagem nítida do que lhe envolve para alcançar e compreender o entorno ambiental e, se relacionar com caminhos e distritos”¹

O movimento: O movimento é um componente da arquitetura equiparável a uma força que tenha várias intensidades.

As vistas: As vistas constituem também uma força principal que usa a arquitetura para organizar edifícios e cidades

A estrutura e a geometria: A estrutura se pode entender através dos significados culturais que expressa como maneira de imprimir dinamismo o estatismo ao edifício. Na organização arquitetônica, a geometria e uma presença inevitável que ordena um desenho e interrelaciona as partes.

1. Kevin Lynch, op. Cit., p. 7

A arquitetura e a cultura:

Quem cria a imagem de uma cultura é o arquiteto, pois é ele que concebe o entorno humano como entidade física donde figuram os modelos funcionais, de cadência características, que formam uma cultura. (p.38)



Fig. 01 - Parternon. Atenas, Grécia (449aC a 444aC)

A tensão e a harmonia: A harmonia e a unidade, marca características do templo grego, são frutos do equilíbrio inerente na simetria bilateral da planta. A composição tem como base um componente rítmico muito forte: o ritmo principal que marca as colunas e os ritmos secundários de métopas¹ e tríglifos². (p.40)

A permanência e a harmonia: A grande importância que na arquitetura tem a harmonia, e suas relações com a ordem e a unidade, procede, em parte, de que são três símbolos, culturalmente falando, em muita estima, e, ademais porque a permanência resiste qualquer nota discordante. (p.42)

1. métopa. Intervalo quadrado entre os tríglifos de um friso dórico.

2. tríglifo. Ornamento arquitetônico num friso de ordem dórica, e que consta de três sulcos.



A harmonia através da geometria

O volume: As formas percebe-se na luz porque “ nossos olhos estão habituados para ver as formas: cubos. Cones, esferas, cilindros e pirâmides são grandes formas primárias que a luz felizmente realça¹.(p.44)

O plano: Toda a estrutura se levanta por cima de sua base e se desenvolve conforme a uma regra na base do plano... Sem o plano teremos essa sensação tão ingrata e indefinida ao ser, de pobreza, de desordem, de voluntariedade².(p44)

A geometria: Contudo, ao decidir a configuração do recinto... Ele seguindo, sem aperceber-se, dos ângulos retos, o quadrado, o círculo... Os eixos de rotações, os círculos os ângulos retos, todas estas coisas são as verdades da geometria... A geometria é a linguagem do homem.³ (p.44)

1. Le Corbusier, Vers une Architecture, trad. Inglesa Towards a new Architecture, de Frederick Etchells, 1946, p. 3 (versión castellana: hacia um arquitectura, Editorial Poseidon, S. L., Barcelona, 1977).

2. Ibid., p. 46

3. Ibid., p. 68

○ estatismo central

O Taj Mahal, edificado no tempo da dinastia Maghul, fase ao uso dos motivos e elementos tradicionais da cultura islâmica. A linguagem arquitetônica do Islã, visível sobre todas as mesquitas, materializa a fé muçulmana criando um estado de recato, contemplação e sossego. (p.48)



Fig. 02 - Taj Mahal em Agra, Índia (1632-1653)



Fig. 03 - Taj Mahal em Agra, Índia (1632-1653)

○ dinamismo linear

O gótico, representado pelas catedrais medievais, é o equivalente ocidental da arquitetura repousada do oriente. Não obstante, a tradição ocidental está inspirada no dinamismo, por reação exigência das procissões, trocam o central em linear, e a verticalidade plena em espaço interior com uma expressão do poder e glória a Deus que toma formas de imponência e veneração inspirada pelo temor. (p.49)

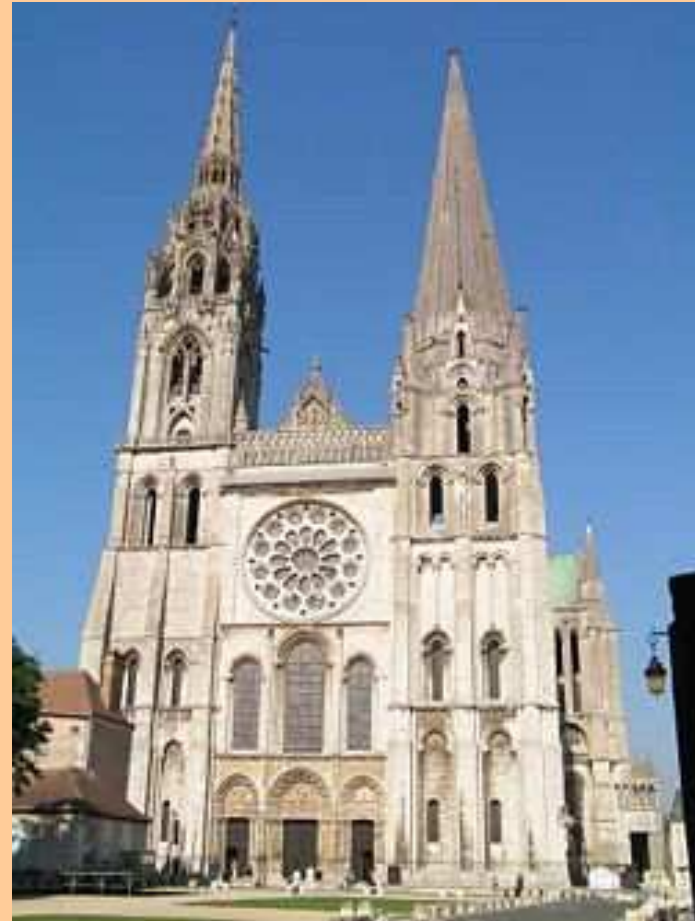


Fig. 04 - Catedral de Chartres – França- (1145-1194)

A energia dinâmica da forma

Esta energia não é propriedade primitiva de antigos tempos. Em efeito, a arquitetura do século XX feito com elegância de um tratamento formal nesta mesma linha, como certifica a produção de futuristas, construtivistas e expressionista; mas é evidente que manifestação mais indiscutível que temos que a obra do arquiteto da envergadura de Luigi Moretti; Hans Scharoun, Alvar Aalto e Le Corbusier. Cada um distribuiu a energia segundo seu critério; Aalto, por exemplo, gera o dinamismo introduzindo variações nos temas radiais. (p.56)



Fig. 05 - Teatro Aalto - Essen



Fig. 06 - Villa Savoye – Le Corbusier

Esta metodologia analítica pretende abordar os fatores organizadores fundamentais que atuam em um edifício ou um projeto para chamar a luz as preocupações que afligem o projetista . (p.64)

○ **pensamento diagramático:** Analista e projetistas encontram nos diagramas um instrumento básico de trabalho cuja aplicação induz uns modelos de pensamento muito operativo. Esta operação, esta oportunidade para aprender a essência de um conceito e, com sua mediação, a compressão do desenvolvimento de uma idéia, com elementos vitais para levar adiante o ato de desenhar. (p.66)

As transformações de um volume: La Villa Stein de Le Corbusier pode explicar-se mediante diagramas como uma sucessão de transformações aplicadas a um volume retilíneo.



Fig. 07 – Villa Stein

O forma genérica e a forma específica: A forma arquitetônica é genérica quando apresenta seu estado original, e é específica, quando assume uma finalidade após uma manipulação e organização que satisfazem as exigências funcionais do programa, assim como os limites concretos e as possibilidades do local. As formas podem ser interpretadas em função de seu antecedente genérico; e nesse sentido, La Tourette procede de um modelo de pátio original. (p.70)

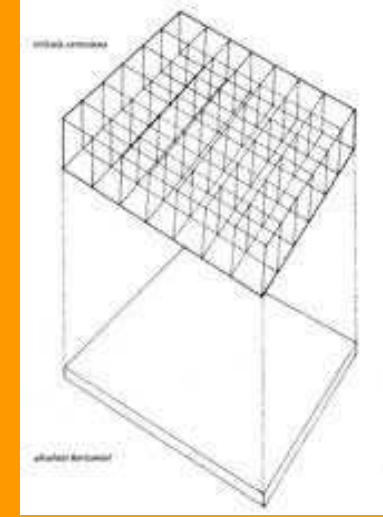


Fig. 08 – La Tourette – Lion – França – Arq. Le Corbusier
Photo: L'Association des Amis de La Tourette



Fig. 09 - Villa Capra dita La Rotonda, em Vicenza

Retícula cartesiana e absoluto horizontal: Peter Eisenman comenta o tema da retícula tridimensional cartesiana classificando como “a referência absoluta da forma arquitetônica, ser genérica ou específica” (p.72)



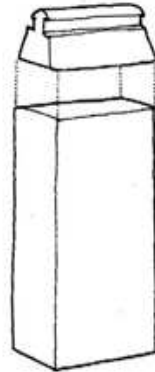
Volume e a superfície: É importante diferenciar com fins analíticos, o volume da superfície. O volume e o componente sólido da forma. A Villa Capra de Palladio, em Vicenza, acomoda perfeitamente o conceito. (p.74)

A articulação do volume:

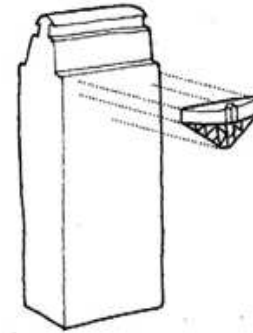
Edifício Humana, Louisville, Kentucky, 1982.
Arquitecto: Michael Graves



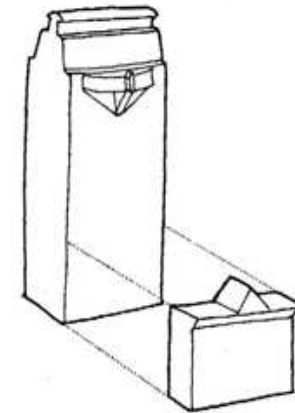
Volumen rectilíneo genérico.



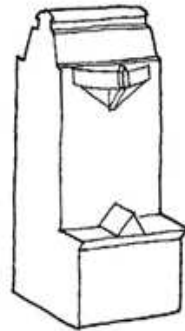
Coronación volumétrica que enriquece el contorno del horizonte.



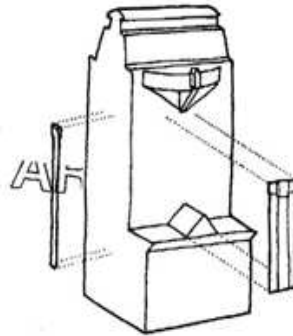
Cubierta alardada y armadura en voladizo que participa en la coronación vertical y brinda vistas hacia el río.



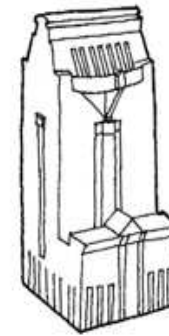
Escala del volumen inferior en relación a la calle.



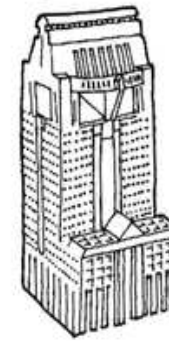
La forma simétrica exige mayor definición de la axialidad y emitir referencias sobre las funciones internas.



Los elementos verticales acentúan la axialidad y conectan las zonas superior e inferior.



Las aberturas más grandes singularizan los espacios principales del interior del edificio.



La articulación final responde al contexto y a las funciones internas.

A forma centróide e linear: A esfera, o cubo e demais configurações centrais conservam o equilíbrio das forças, diferenciando-se das lineares, onde a força predominante tem uma energia e direção concretas. Os volumes centróides inspiram sossego e estabilidade; as formas lineares implicam atividade.

Na casa Robie, de Frank Lloyd Wright, existe duas forma lineares sujeitas a uma relação potencialmente viável. P.76)



Fig. 10 - Frank Lloyd Wright,
Casa Robie, Chicago, 1907



Fig. 11 - Frank Lloyd Wright, Casa Robie, Chicago, 1907



A Análise da arquitetura

ANÁLISE DA FORMA – Geoffrey H. Baker

19/51

A dinâmica da forma: A unidade mais simples, **o ponto**, nos indica uma posição só, uma energia potencial de expansão e contração que ativa a zona circundante. Dois pontos definem uma medida, implica em uma energia interna, uma tensão específica que afeta o espaço intermediário. (p.77)

A linha é uma cadeia de pontos unidos que indica uma posição e direção. Implica em uma velocidade e ativa o espaço que a rodeia. Pode até certo ponto expressar emoções: linha fina representa a audácia; linha reta representa força e estabilidade; linha em zigzague a excitação. (p.77)

Os sistemas com núcleos: Os sistemas centrados com núcleos incluem a forma helicoidal – expressada às vezes por uma disposição “giratória” -, a agrupação e a ordenação cruciformes. (p.78)

Os sistemas lineares: Os sistemas lineares proporcionam a oportunidade de realizar adições ao lugar dos eixos e, em consequência, permitem fazer repetições e desenvolver ritmos. O movimento se converte em um componente fundamental da forma. (p.79)

Os sistemas axiais: Sistema organizado que predominou no século XX é a simetria bilateral acompanhada por uma disposição volumétrica hierarquizada. (p.80)

Os sistemas conexos: A Unity Church apresentou Frank Lloyd Wright o problema de relacionar a planta quadrada do espaço religioso com a retilínea dos serviços auxiliares. (p.82)



Fig. 12 - Unity Church - Frank Lloyd Wright

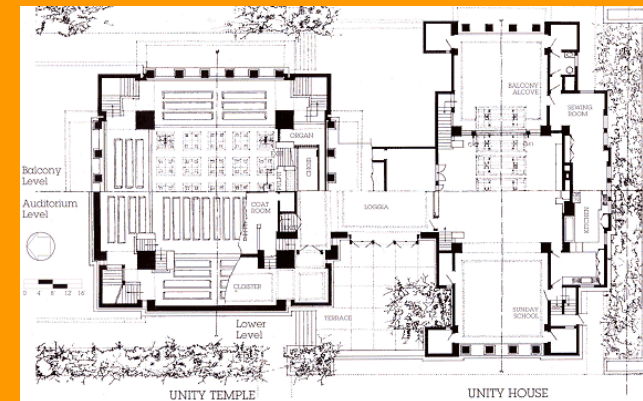


Fig. 13 - Unity Church - Frank Lloyd Wright - Planta

As forças do lugar

Água: A presença de tal quantidade de água exerce uma força notável.

As vias e vistas: - A praça ocupa uma posição central em relação à boca do Gran Canal e conecta-se com a zona comercial e com o Rialto através de uma via direta.

O lugar: Este é cercado por um labirinto de edifícios e ruas, com um encaixe intrincado que contrasta com a ordem e definição da Piazza. O conjunto se beneficia do enfrentamento dramático entre os “mundos” antagônicos. (p.130)



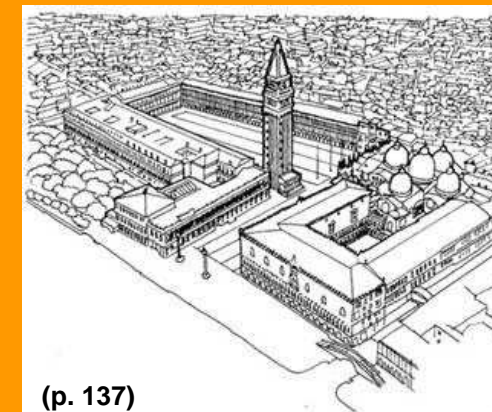
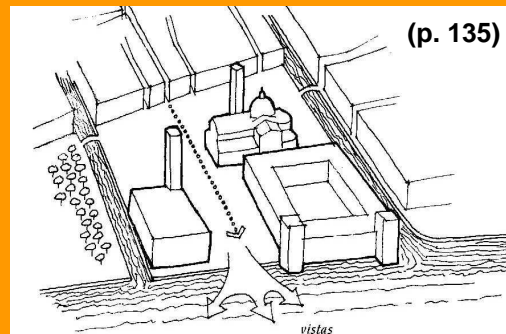
Fig. 14 - La Piazza San Marco – Canaletto (1735-40)



Fig. 15 - La Piazza San Marco: Looking South-East – Canaletto (1735-40)

A combinação de elementos

1. **O volume centróide:** A cruz grega de S. Marco impõe uma forma regular com simetria bilateral que domina o espaço.
2. **O domínio exótico:** A projeção da igreja com as cinco cúpulas contra o céu.
3. **Volumes conexos em contraste:** A conexão entre o Palácio Del Dogo e a basílica é tal que as formas centróides se reforçam mutuamente gerando um volume contínuo.
4. **A rede de circulação:** Esta conecta o palácio com a basílica e estes com o “Molo” e a Piazzeta.(p. 140)
5. **A circulação:** As duas colunas que existem no extremo da Piazzeta transmitem um limite virtual que marcam as vistas em direção ao horizonte. Sensação de espaço demarcado.
6. **O movimento**
7. **As vistas**



Hugo Alvar Henrik Aalto

Arquiteto finlandês nascido em Kuortane, a oeste da província de Ostrobothnia, considerado um dos mestres da arquitetura do século XX. Graduou-se em arquitetura na Universidade de Tecnologia de Helsinki (1921). Abriu seu primeiro escritório de arquitetura (1923).





Alvar Aalto

Prefeitura de Säynätsalo, 1950-1961

Não obstante no relativo a arquitetura tradicional de suas respectivas culturas, tanto Frank Lloyd Wrigth e Alvar Aauto partiram da mesma premisas: o desejo de dar um enfoque oxigenate na manipulação do espaço interior e, especialmente, de redefinir a relação entre os aspectos interior e exterior.(p.160)

A investigação, nesse caso, lhes levou a que foi chamada arquitetura orgânica, aquela em a organização essencial se baseia nas necessidades internas e nas condições externas, aquela em que cada arquiteto tenta vincular o edifício com o contexto imediato. (p160)

Alvar Aalto

A obra de Aalto, em alterações, é a mais descontraída, menos determinada no geométrico, mais maleável, mais centrada na interação dos conjuntos e no entorno. A “fluidez” interna e externa como que se mesclam uns elementos com os outros se acomoda na definição do crescimento celular elaborado por D’Arcy Wentworth Thompson.¹ Geralmente Aalto reuni os elementos em torno de um vestíbulo ou pátio central² e combina configurações radiais com formas lineares³. (p.161)



Fig. 16 - Saynatsalo – Filândia – Alvar Aalto



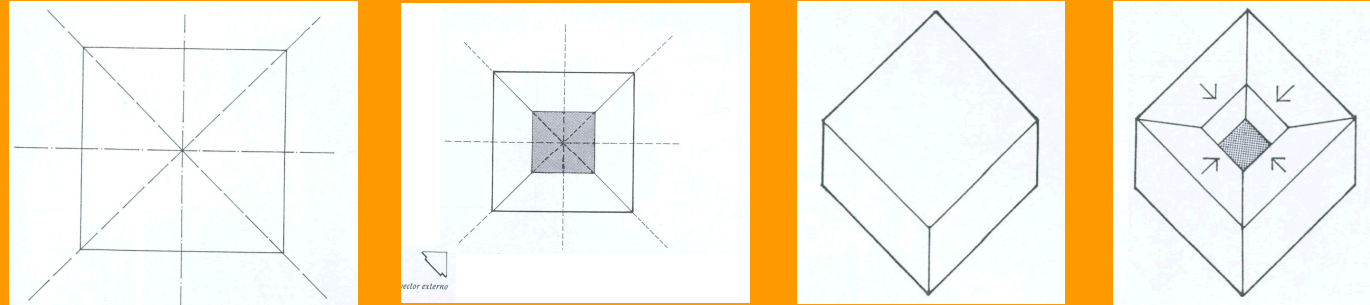
Fig. 17 - Saynatsalo – Filândia - Alvar Aalto

1. Thompson chama “diagramas de forças” a forma de qualquer partícula material; explica que a ameoba tende a “deformar-se por efeito da pressão externa”; também fala acerca do estado fluídico do organismo e de como se comporta uma forma sob da ação de uma ou várias forças. *D’Arcy Wentworth Thompson, On growth and form. Ed resum. De T. bonner, Cambridge University press, Cambridge, 1961, pp.11 e 12.*
2. Ver, página 84.
3. Ver. Página 62.

Alvar Aalto

A forma genérica

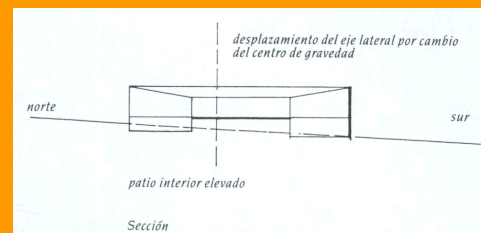
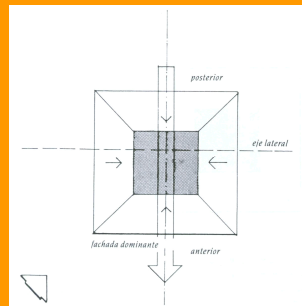
O volume central se transforma em um pátio.



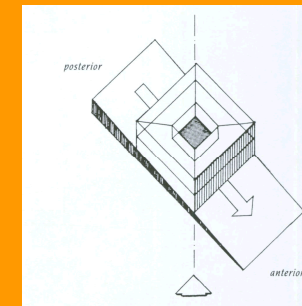
(p. 166)

Os efeitos da pendente

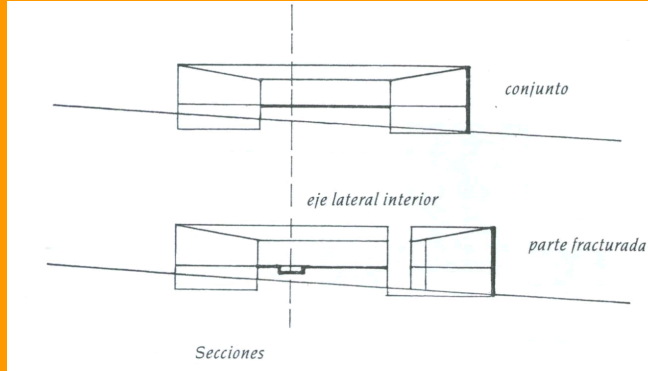
A direção da pendente comporta uma troca formal que outorga a fachada sul um caráter preferente. A forma adquire uma direcionalidade. O pátio interior se eleva para facilitar o uso dos níveis. (p. 167)



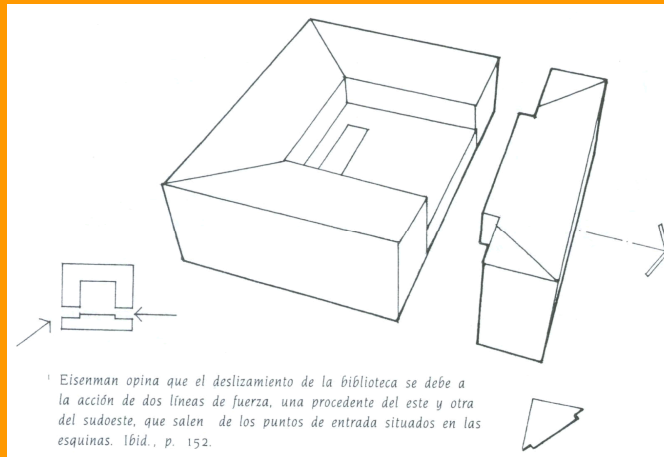
(p. 167)



Alvar Aalto

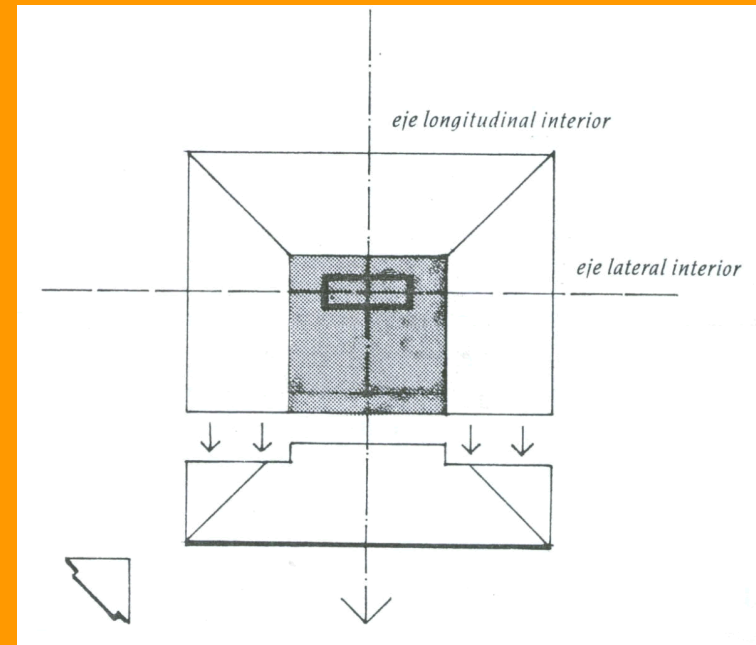


(p. 168)

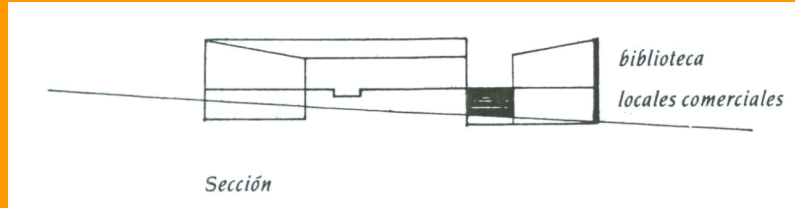


A fratura do centróide

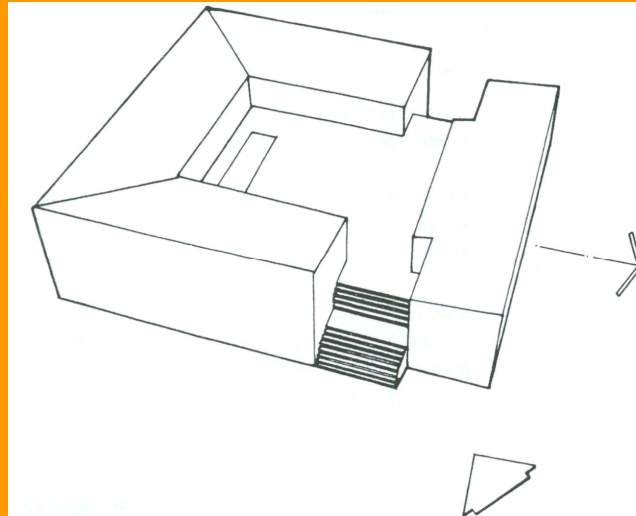
O deslocamento da face sul ocasiona a fratura da forma centróidal. (p. 168)



Alvar Aalto

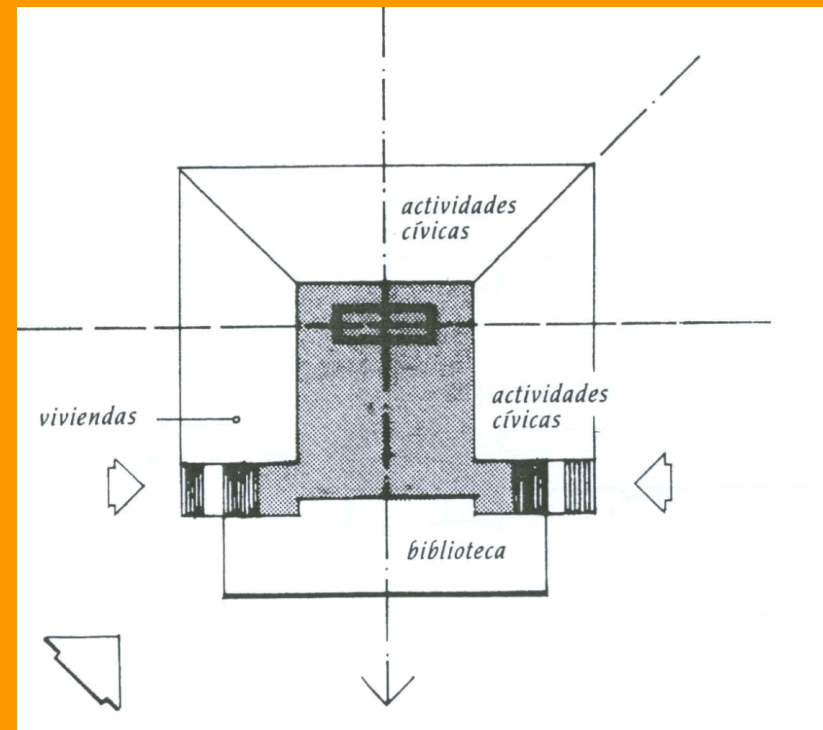


(p. 169)



○ acesso

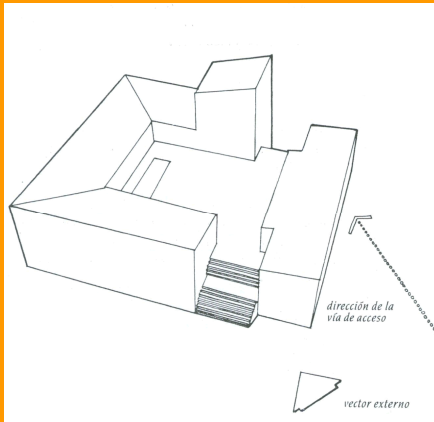
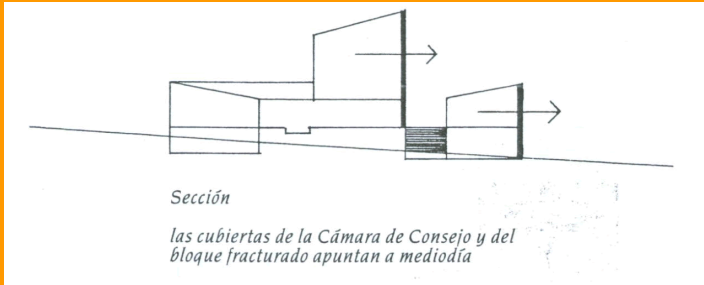
As escadas dão acesso ao pátio nos pontos de fratura. O bloco sul, ainda que mais estreito, está unido ao pátio.



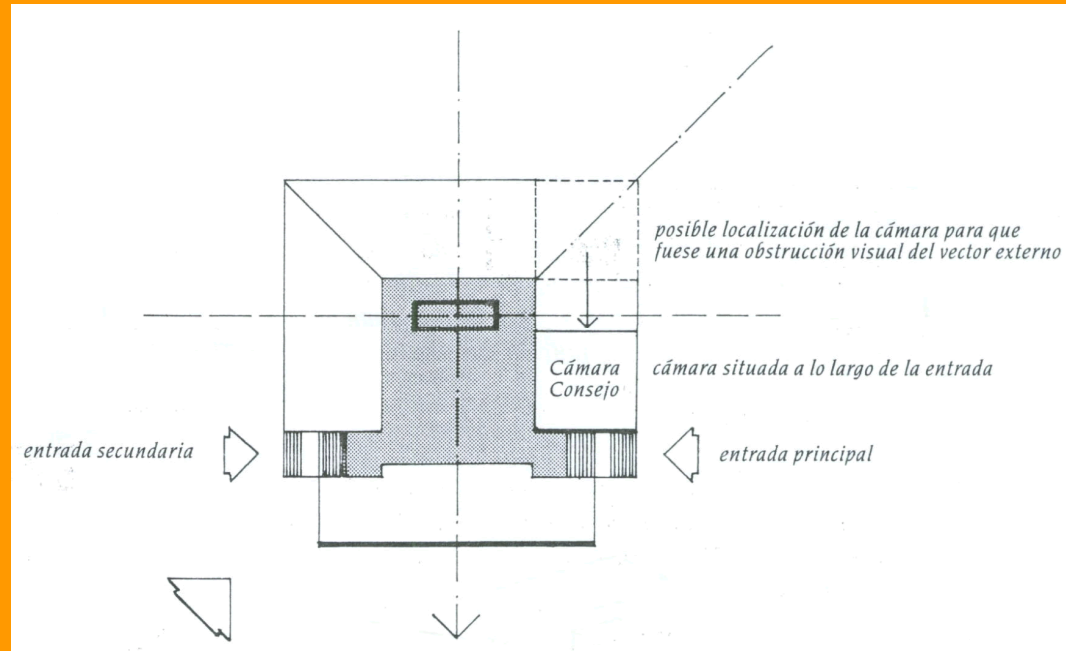
Alvar Aalto

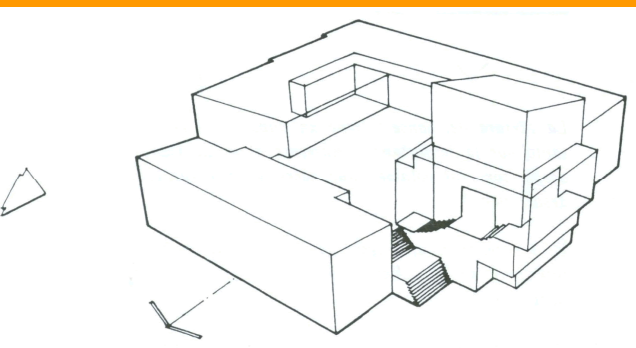
A câmara do conselho

A câmara do conselho tem um papel chave no conjunto tanto pela importância inerente as atividades que acolhe, como o volume que necessita para que estas se desenvolvam.



(p. 170)

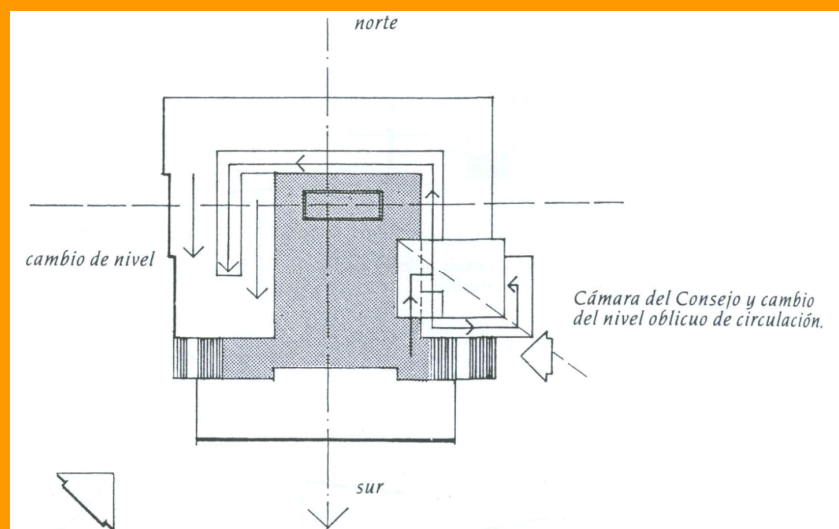




Alvar Aalto

Os helicóides

Os movimentos helicóides que em sentido anti-horário, ascendem um entorno na câmara, fixando um percurso de acesso, e outro em torno do pátio, qual corredor envidraçado que continua pelo interior, atribuindo a câmara do conselho a função de pivo. (p. 171)

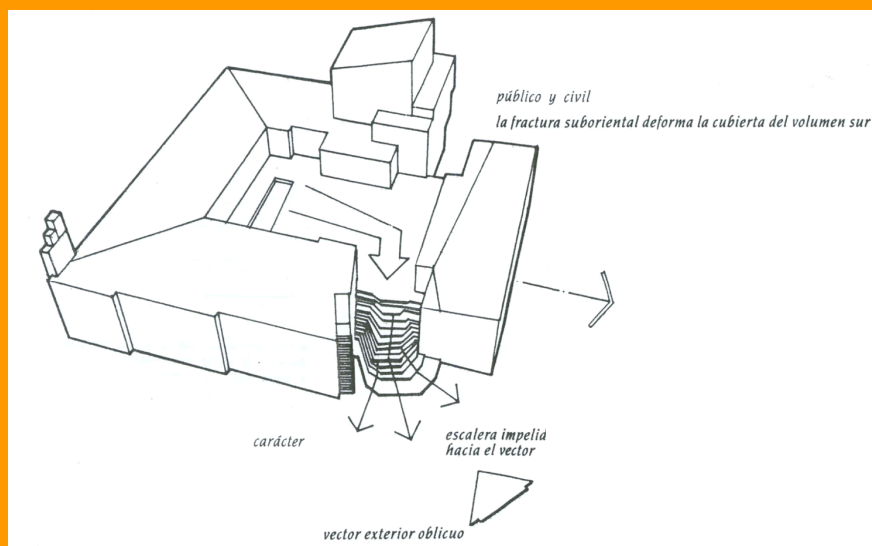
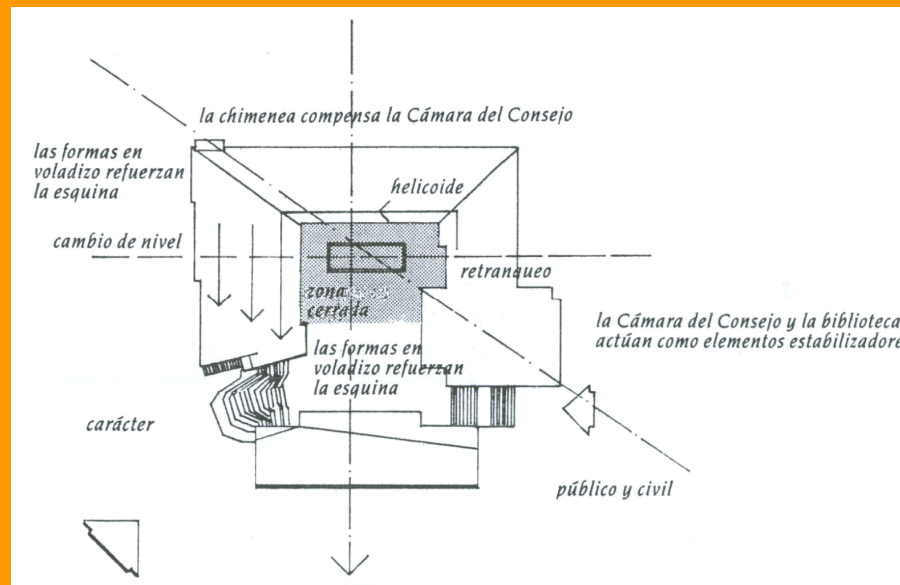


(p. 171)

Alvar Aalto

fluxo

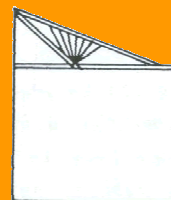
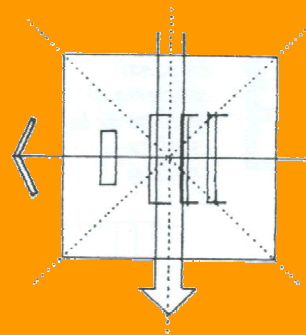
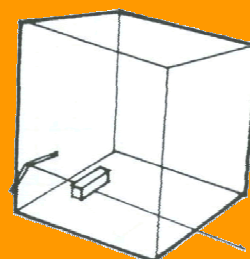
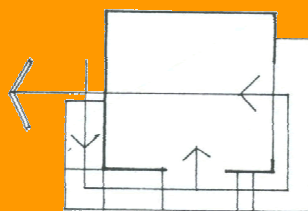
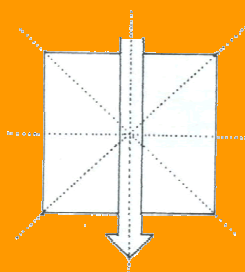
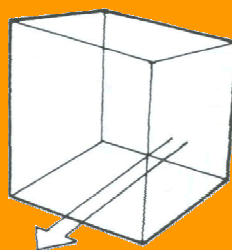
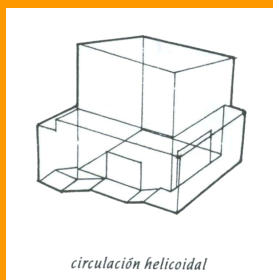
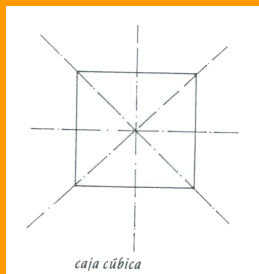
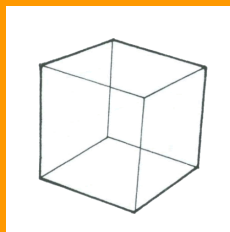
O fluxo, qual corrente tumultuosa, modela suas margens e corta o extremo da ala oeste. (p.172)



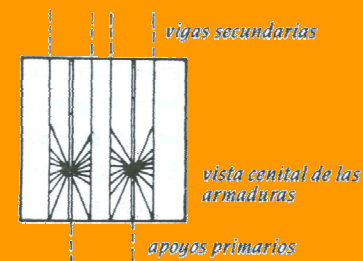
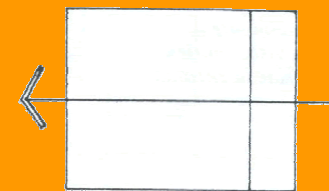
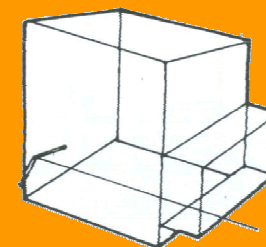
(p. 174)

Alvar Aalto

A transformação dos volumes



cubierta sustentada por "dedos" abiertos

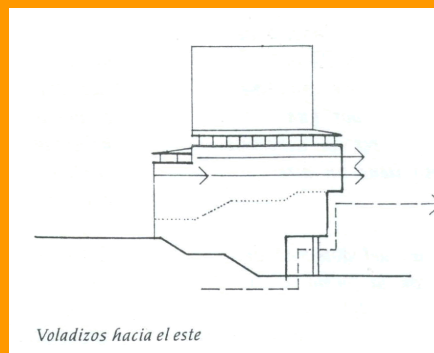
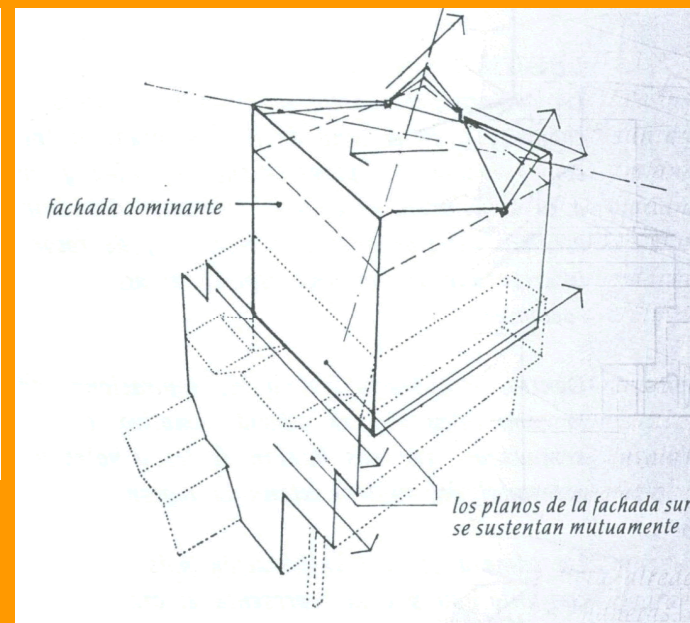
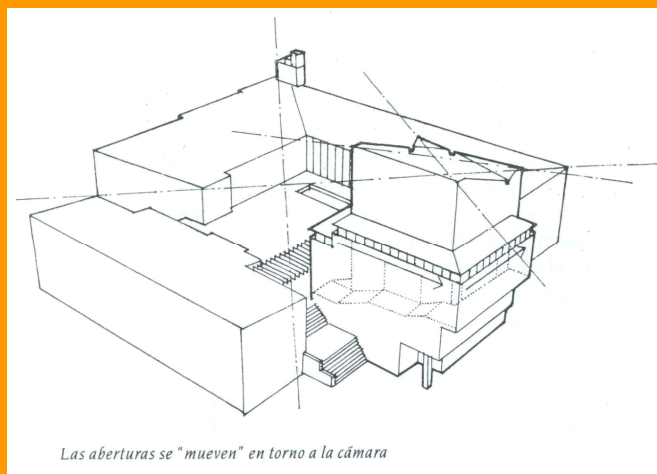


(p. 177)

Alvar Aalto

energia

A sensação de energia que flutua ao redor da câmara do conselho se desdobra de várias maneiras. As aberturas horizontais das janelas que iluminam o percurso helicoidal engrandecem e reforçam a sensação de movimento. (p.178)



Alvar Aalto

Audaz e provocador

O programa, o genius loci e o significado são conceitos que iluminam o enfoque deste projeto. A utilização de materiais à vista (revestimento) e da madeira, materiais muito comum na Filândia, implica numa referência cultural. A configuração do edifício representa a vida da comunidade e sua relação com o lugar informa, de quanta transcendência tem a paisagem neste país bosques e lagos. (p.184)

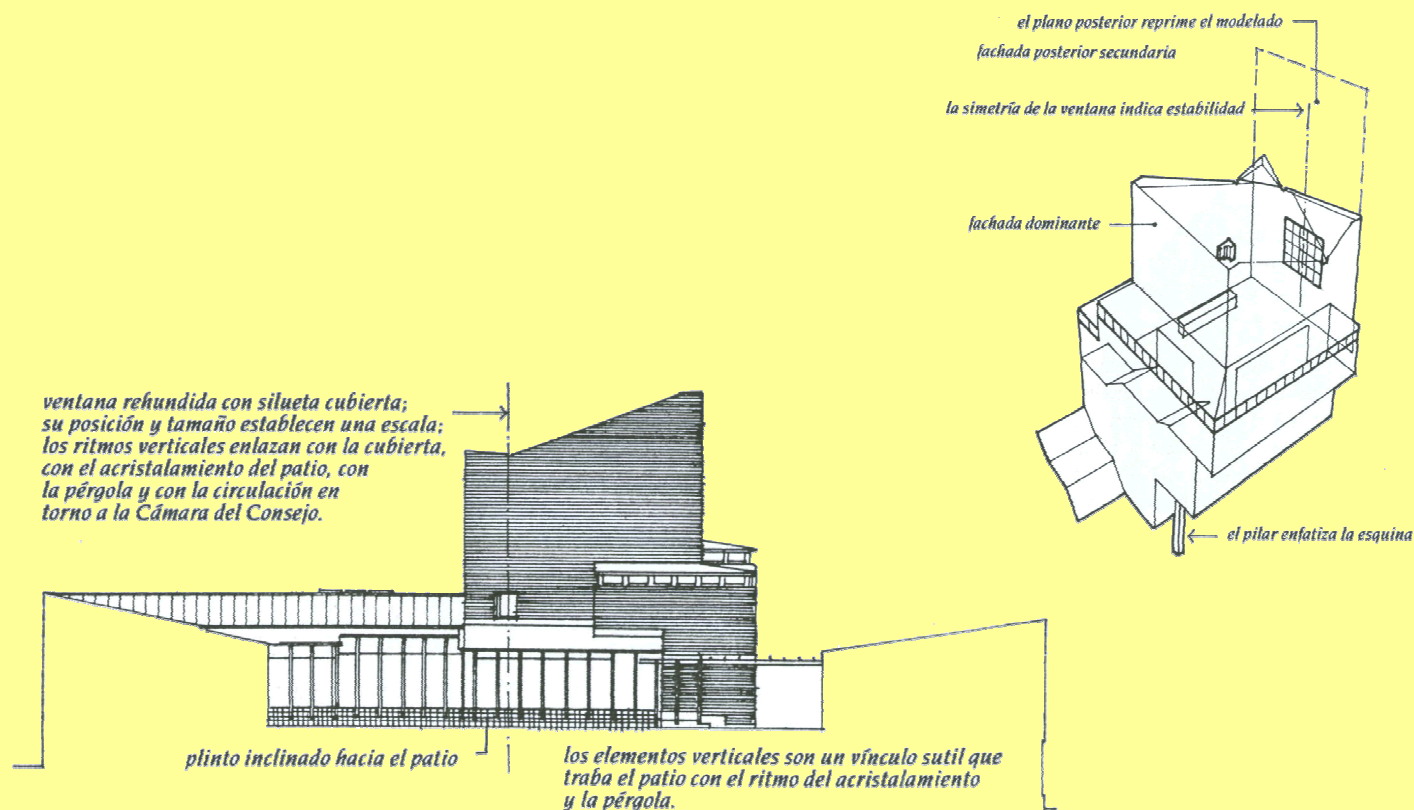


Fig. 18 - Saynatsalo – Filândia - Alvar Aalto

Alvar Aalto

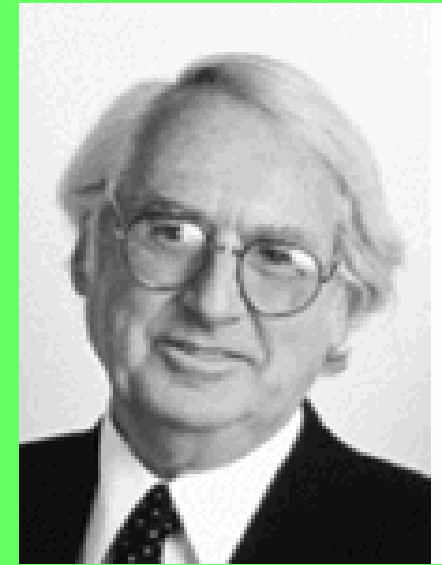
A iluminação

A filosofia da iluminação de Aalto atende a necessidade específica do espaço interior e a influência que tem no tratamento superficial e na volumetria nas características e disposição das aberturas. (p.185)



Richard Meier

Arquiteto, americano, Richard Meier nasceu em Newark, New Jersey em 12 de outubro de 1934. Richard Meier graduou-se na Universidade de Cornell em 1957, trabalhou uma série dos arquitetos, incluindo: Skidmore, Owings, Merrill e Marcel Breuer.



Richard Meier

O Atheneum, New Harmony, 1975-1979



Fig. 19 – O Atheneum – Richard Meier



Estudos analíticos dos edifícios

ANÁLISE DA FORMA – Geoffrey H. Baker

38/51

Richard Meier

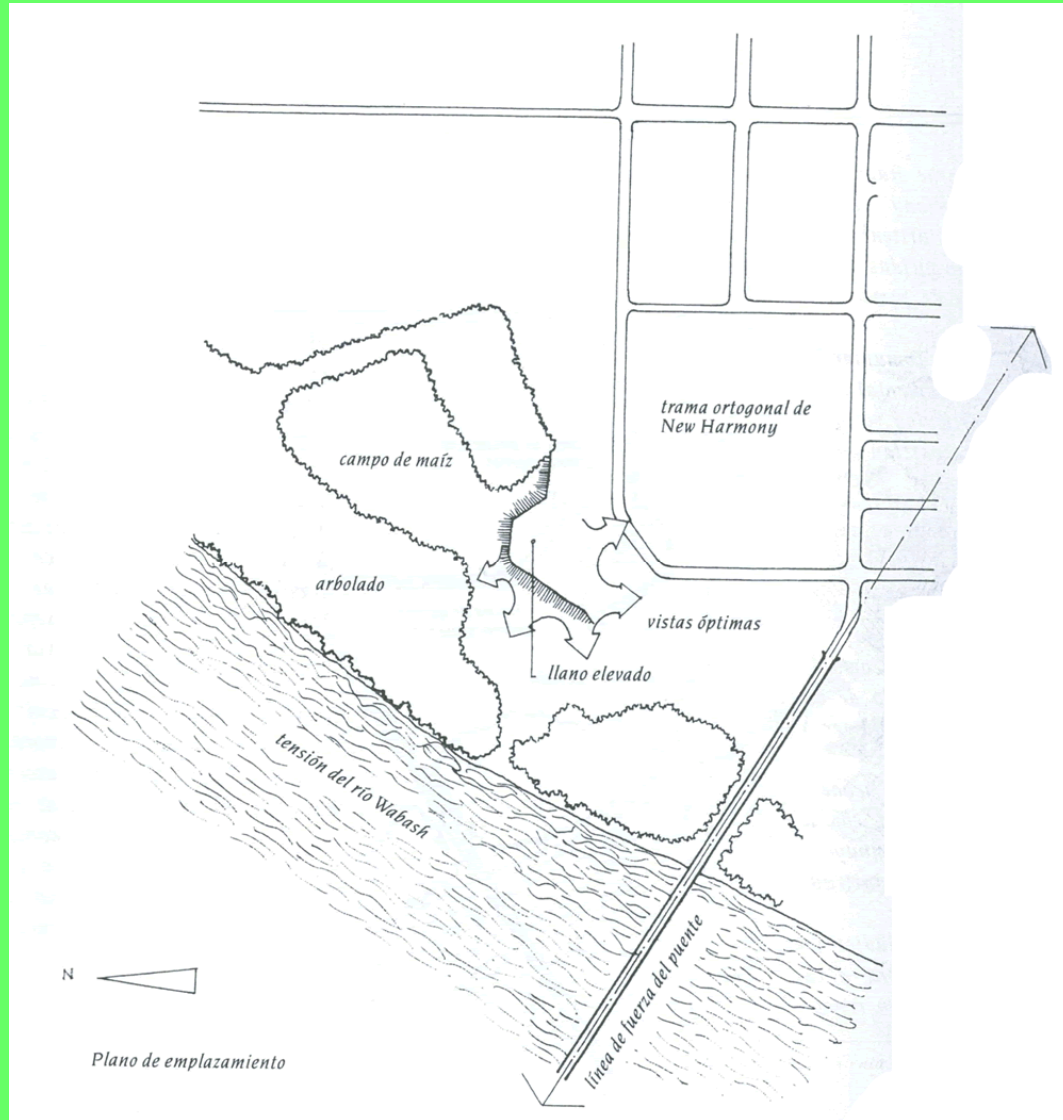
○ Programa

O Arquiteto Richard Meier se encarregou de um projeto onde o público pudesse intera-se da singularidade daquela paragem histórica; os materiais e as técnicas construtivas que se utilizaram deviam ser modernas e era preciso que a obra emocionasse os visitantes deste o acesso. (p.191)

Richard Meier

Esses fatores do lugar, povo e rio são muitos diferentes. O rio, amplo, é uma força tumultuosa beirando árvores e campos de milho; possui enorme energia visual e fazia dirigir-se para as melhores vistas (p. 192)

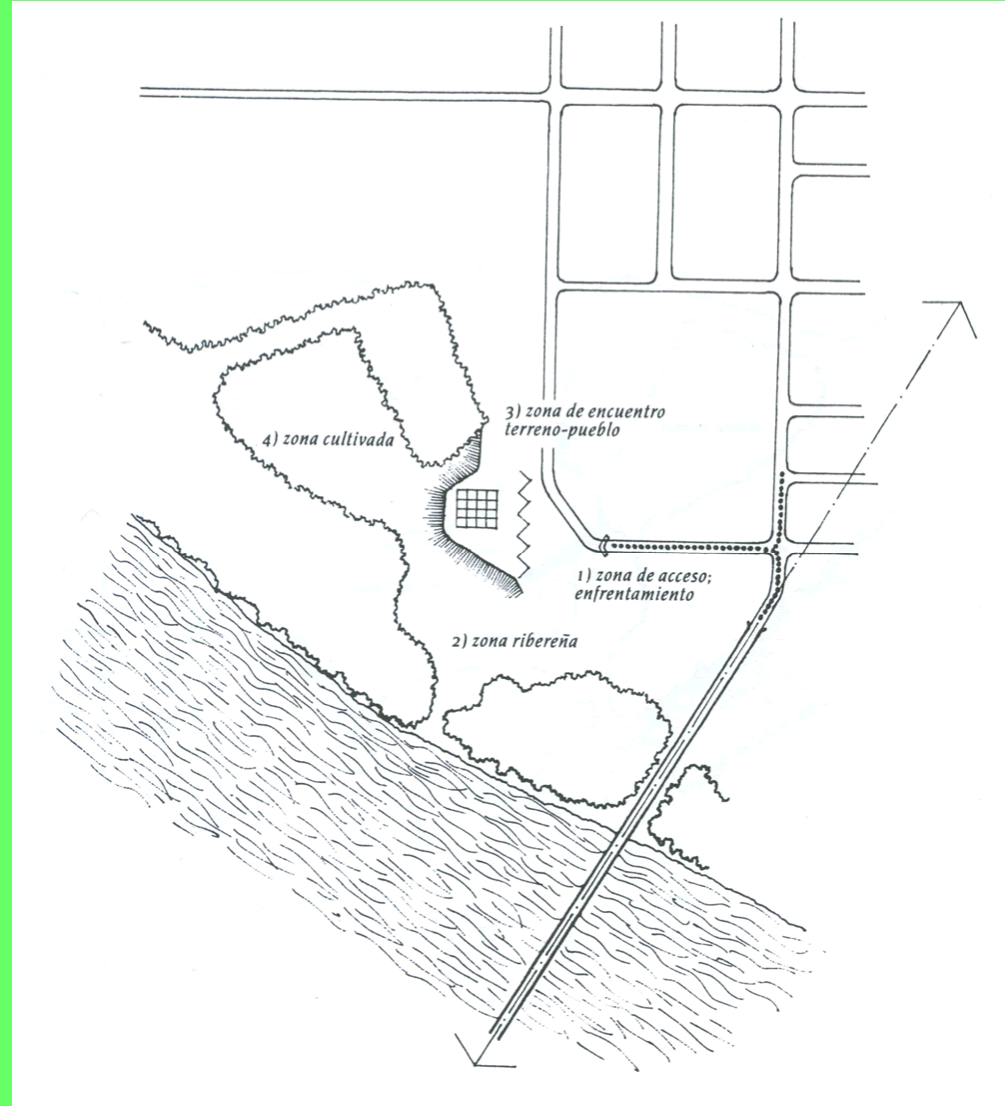
As forças do lugar



Richard Meier

As áreas

O povoado é de modo tranquilo e ordenado, é um produto saído da imaginação humana ajustado a uma trama regular. A missão do edifício é meditar sobre o homem, expressado por seu idealismo intelectual, e as forças tenases e harmoniosa da natureza. (p.193)



Richard Meier

○ alcance visual

Como as melhores vistas se abrem em arco de norte a sudeste, Meier instala o volume fechado que contém o auditório no lado nordeste do terreno. (p.196)

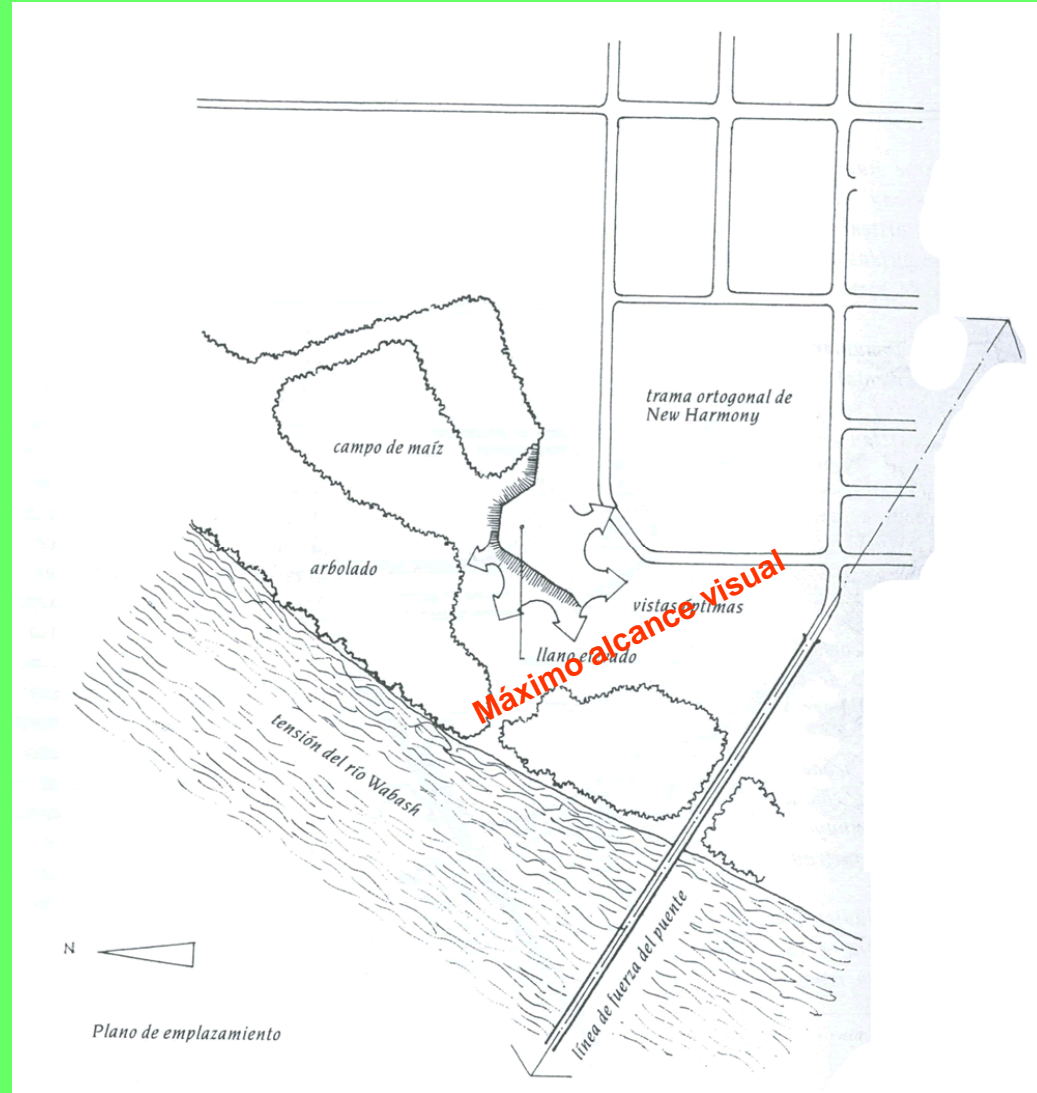
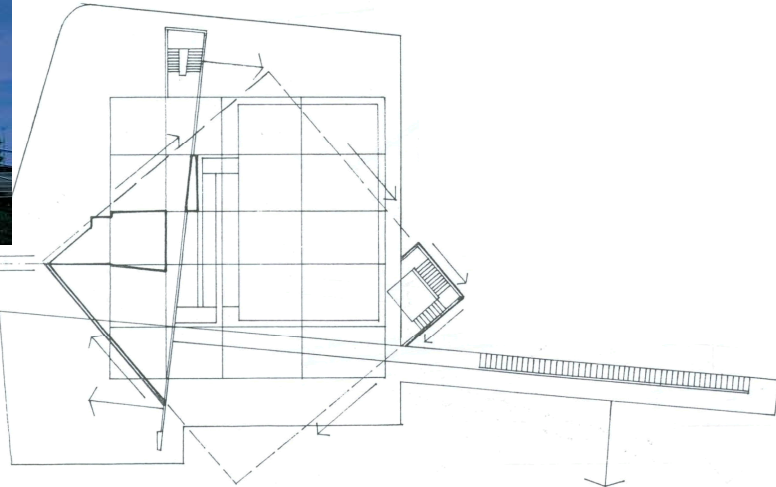


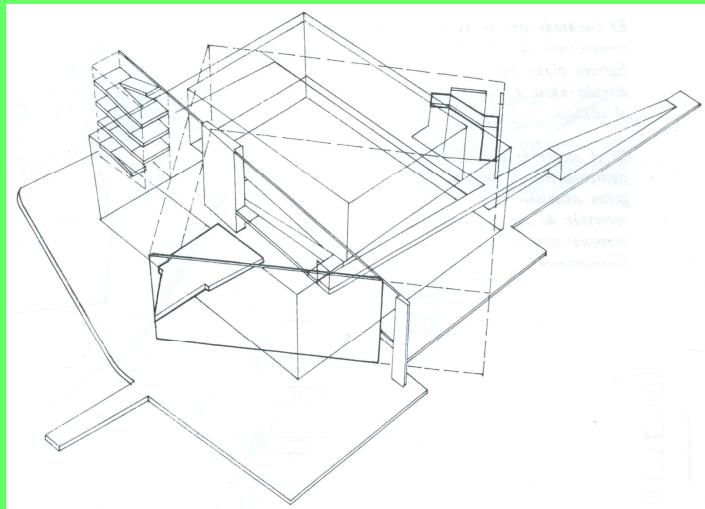


Fig. 20 – O Atheneum – Richard Meier

O plano e a escada



Mirador del segundo nivel



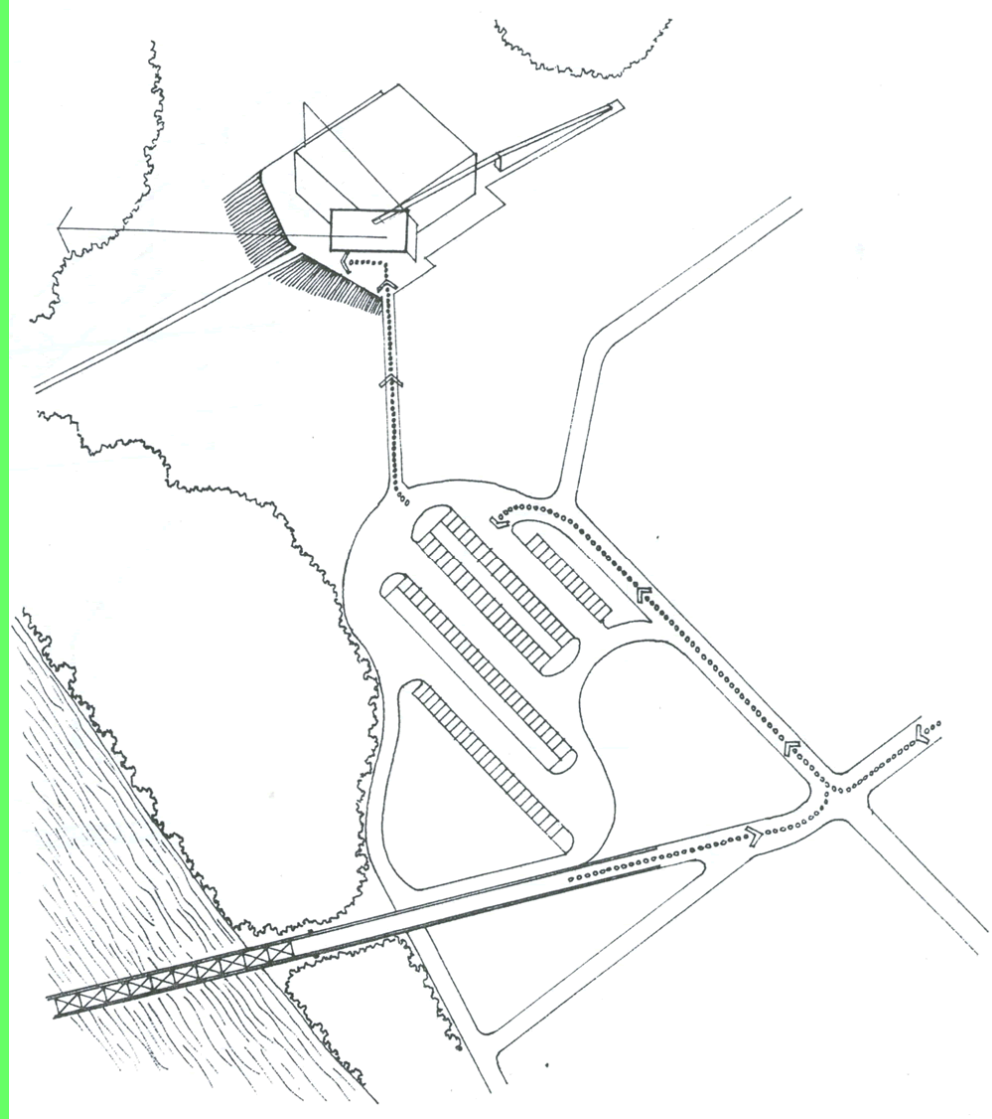
A fachada sudoeste do volume em planta quadrada está definida por um plano. A esquina se manifesta mediante o canto horizontal de um observador; o plano vertical e o canto horizontal foram unidos por um eixo de impulsão que aponta ao rio conforme a direção da retícula original. (p.203)

Richard Meier

Richard Meier

o acesso

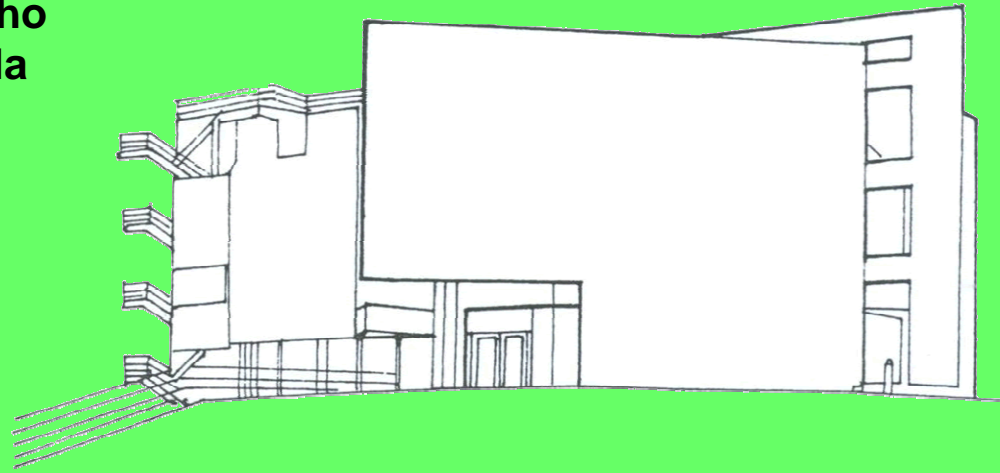
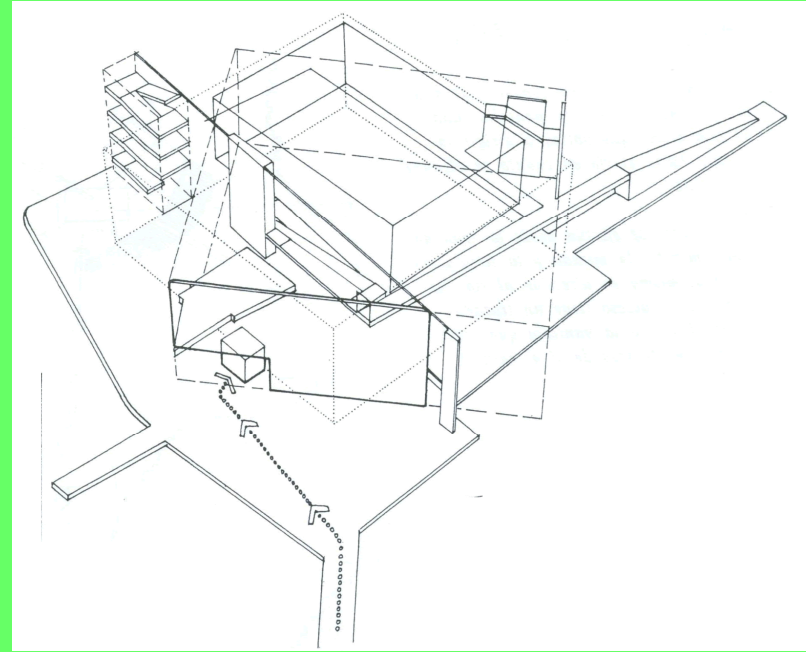
O quadrado que havia se submetido ao giro proporciona, criar um plano, uma barreira plana oblíqua a dirigir olhar para o rio enquanto se dirige ao edifício. (p.204)



Richard Meier

A entrada

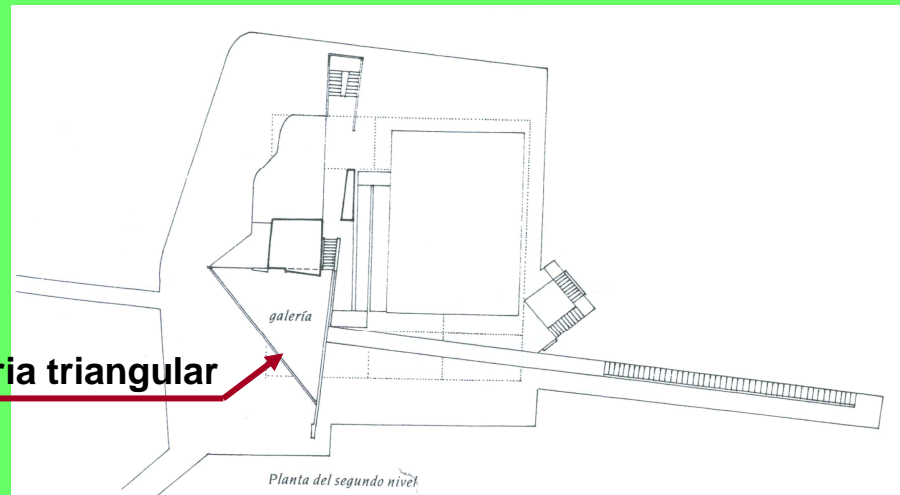
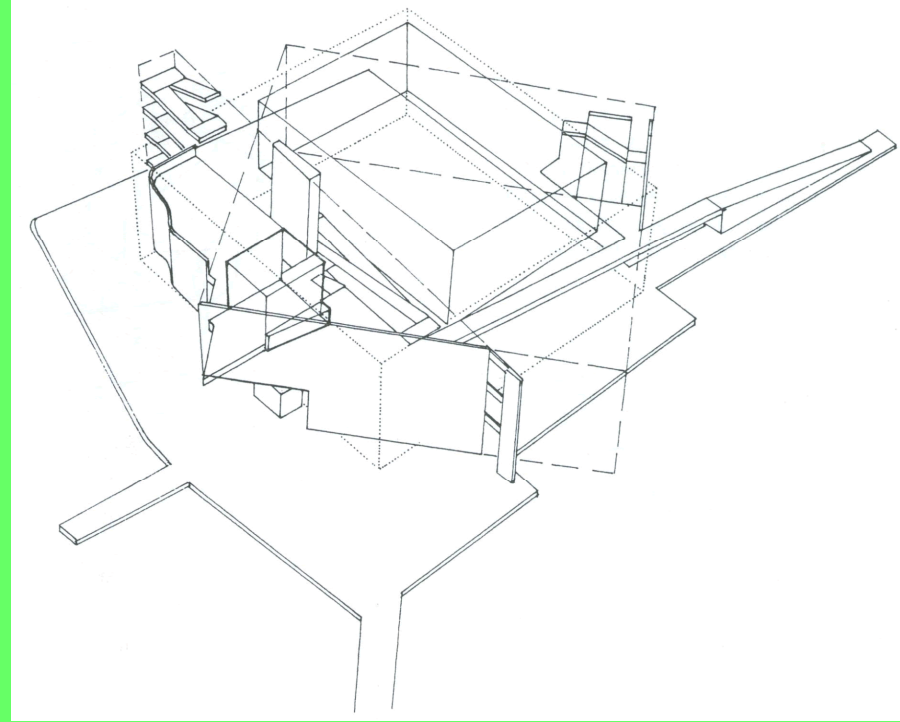
O corte que se fez no plano permite colocar o volume da entrada. As grandes proporções do plano atraem um olhar sobre o mesmo, cujo tanho responde a escala humana (p.205)



Richard Meier

A fonte de luz

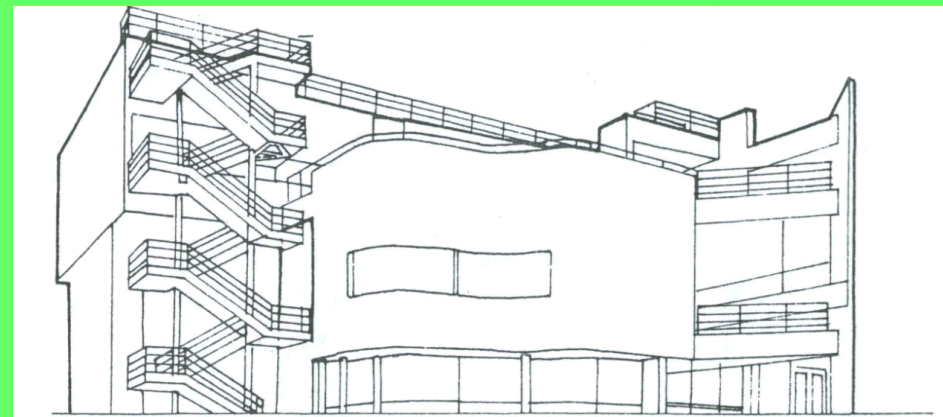
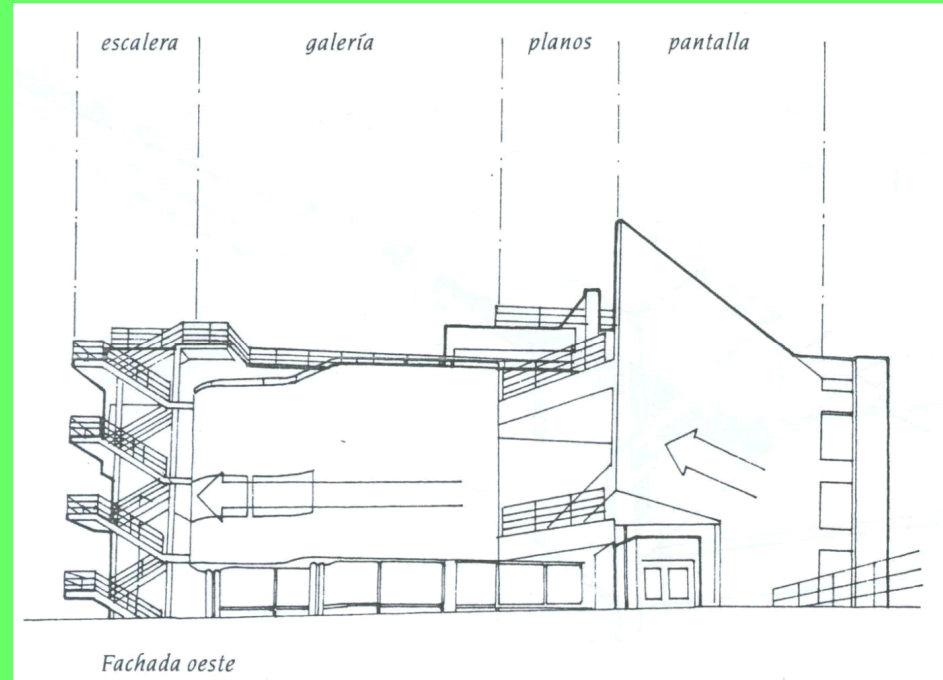
A tribuna de observação, em meio ao volume curvo da galeria triangular, é uma das laterais de fonte de luz que ilumina, penetrando e descendo pelos lados, no espaço interior e no espaço central de circulação que configura a rampa .
(p.209)



Richard Meier

A fachada oeste

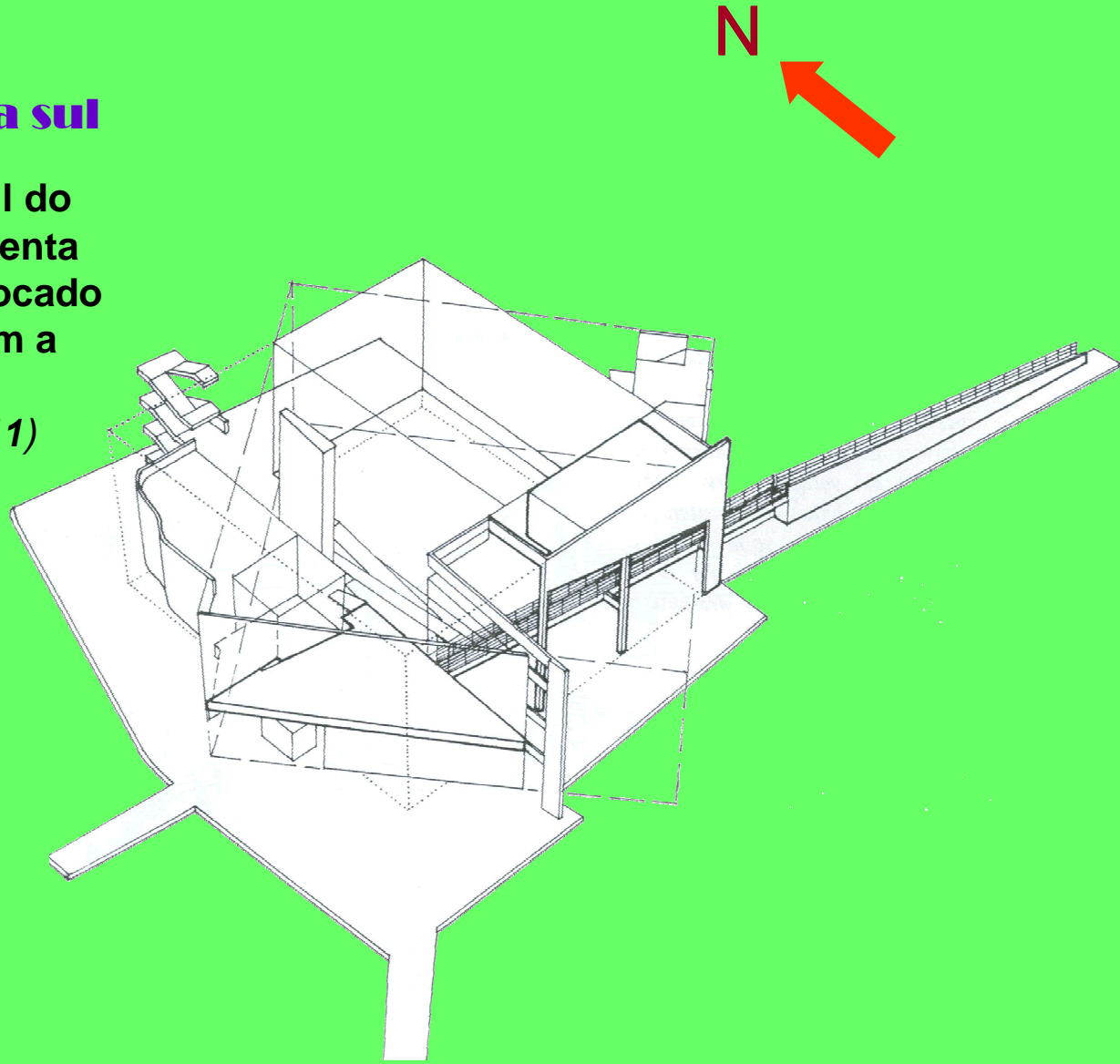
A vista se desliza sobre a fachada oeste da direita a esquerda até encontrar com a escada que, por sua forma zigzague, desce até o nível do terreno (p.210)



Richard Meier

A fachada sul

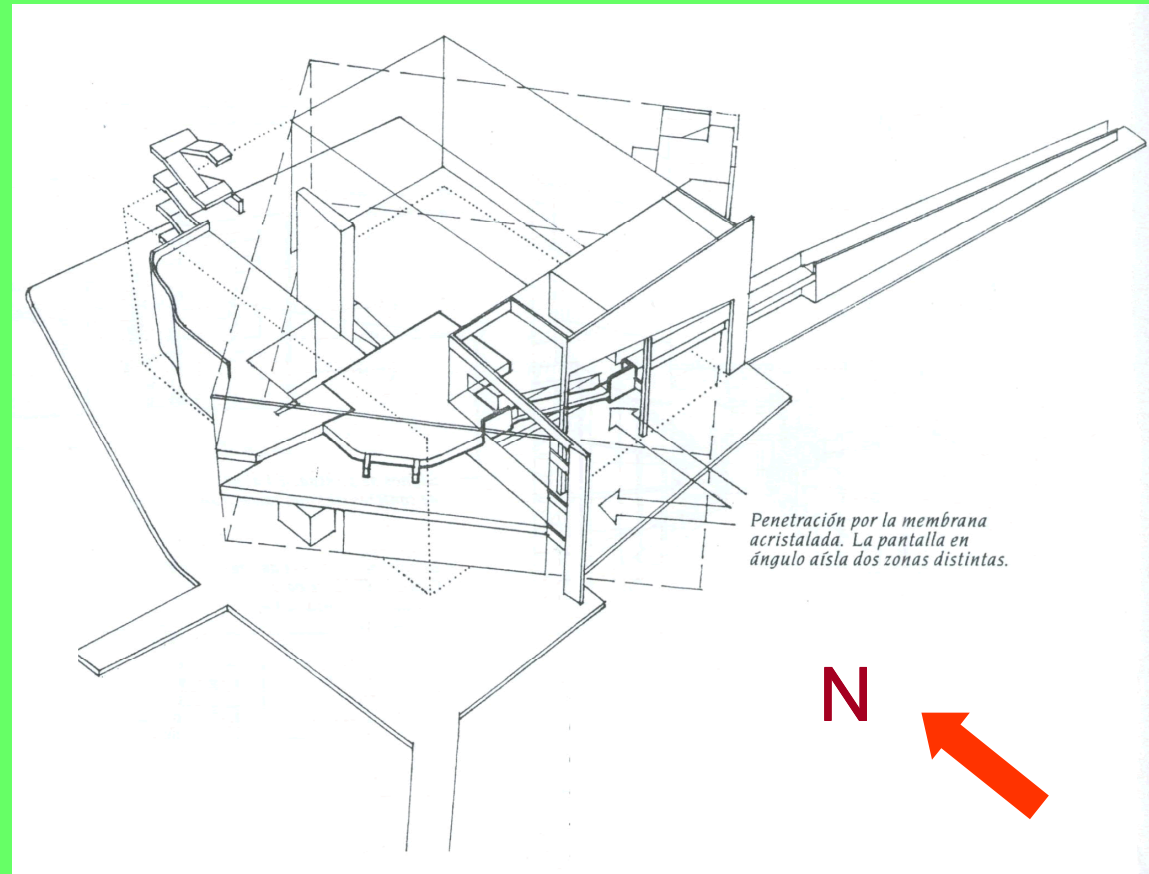
A fachada sul do edifício apresenta um plano colocado de acordo com a trama principal (p.211)



Richard Meier

A entrada sul

Em um nível superior, a sala de conferências forma um espaço que leva a tribuna de observação depois de cruzar uma ponte interior principal. (p.212)



Richard Meier

Elementos importantes na composição arquitetônica

- ➔ Local de implantação**
- ➔ Sobreposição de formas (quadrados)**
- ➔ Escadas e rampas**
- ➔ Os acessos**
- ➔ Gravitação dos planos**
- ➔ Formas curvas e retas**
- ➔ Iluminação dos ambientes**
- ➔ Integração com a paisagem**
- ➔ Estrutura sólida**



Fig. 21 – O Atheneum – Richard Meier



Referências Figuras

Figura 01 - Partenon
www.portalsaofrancisco.com.br
Acessado em: 06/05/2009.

Figura 02 – Taj Mahal
www.mapsofworld.com
Acessado em 06/05/2009.

Figura 03 – Taj Mahal
<http://www.taj-mahal.net>
Acessado em 06/05/2009.

Figura 04 – Catedral de Chartres
www.portaldarte.com.br
Acessado em 06/05/2009.

Figura 05 - Teatro Aalto, Essen
<http://cria-cria.blogspot.com/2008/04/alvar-aalto-po...>
Acessado em : 07/05/2009.

Figura 06 - Villa Savoye – Le Corbusier
www.ilexikon.com
Acessado em: 07/05/2009.

Figura 07 - Villa Stein – Le Corbusier
www.greatbuildings.com
Acessado em: 07/05/2009.

Figura 08 – La Tourette – Le Corbusier
www.arcspace.com
Acessado em: 07/05/2009.

Figura 09 – Villa Capra dita La Rotonda, em Vicenza
www.fulviatour.com
Acessado em: 07/05/2009.

Figuras 10/11 – Casa Robie – Frank Lloyd Wright
http://en.wikipedia.org/wiki/Robie_House
Acessado em: 08/05/2009.



Referências Figuras

Figura 12/13 – Unity Church - Frank Lloyd Wright
www.galenfrysinger.com
Acessado em 08/05/2009.

Figuras 14/15 – La Piazza San Marco
www.galenfrysinger.com
Acessado em 08/05/2009.

Figura 16/17 e 18 – Saynatsalo – Alvar Aalto
www.mimoa.eu
Acessado em 10/05/2009.

Figura 19 – O Atheneum – Richard Meier
www.essential-architecture.com
Acessado em 10/05/2009.

Figura 20 – O Atheneum – Richard Meier
www.artinfo.com
Acessado em 11/05/2009.

Figura 21 – O Atheneum – Richard Meier
www.intute.ac.uk
Acessado em 11/05/2009.